

**FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS - FIFE
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS - FEF
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO EM HISTÓRIA: CULTURA
POLÍTICA, EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS**

PAULA GONÇALVES PEREIRA

**11 DE SETEMBRO:
Uma síntese de causas e consequências**

**Fernandópolis
2019**

PAULA GONÇALVES PEREIRA

11 DE SETEMBRO:

Uma síntese de causas e consequências

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista em História, pelo Curso de pós-graduação lato senso em História: Cultura Política, Educação e Movimentos Sociais das Faculdades Integradas de Fernandópolis.

Orientador(a): Prof. Dr. André Luiz da Silva

Fernandópolis

2019

11 DE SETEMBRO: Uma síntese de causas e consequências

SEPTEMBER 11: A synthesis of cause and consequences

Paula Gonçalves Pereira*

Resumo: Uma breve análise das ideias e da situação do mundo a partir da segunda metade do século XX, para que assim possamos perceber como grupos terroristas com poucos recursos podem chegar a feitos como o ataque ao World Trade Center no 11 de setembro, que por mais assombroso e chocante que tenha sido não foi uma situação isolada, e ganhar mais adeptos para sua causa a cada ano. Além de realizar uma pequena reflexão de como a política de contraterrorismo encabeçada pelos norte americanos depois do 11 de setembro pode não estar saindo como planejado e acarretando mais problemas do que soluções nessa guerra travada contra um inimigo peculiar.

Palavras-chave: 11 de Setembro. Terrorismo. Estados Unidos. Contraterrorismo. Fim de século.

Abstract: A brief analysis of the world's ideas and situation from the second half of the twentieth century on, so that we can see how under-resourced terrorist groups can achieve feats such as the September 11th attack on the World Trade Center, as startling and shocking as it may have been was not an isolated situation, and winning more supporters for your cause every year. In addition to a brief reflection on how the US-led counterterrorism policy after September 11th may not be going as planned and causing more problems than solutions in this waged war against a peculiar enemy.

Keywords: September 11th. Terrorism. United States. Counterterrorism. End of century.

* Discente do curso de Especialização em História: Cultura Política, Educação e Movimentos Sociais da Fundação Educacional de Fernandópolis. Graduada em História pela Fundação Educacional de Fernandópolis. E-mail: paula.gonperera@gmail.com

Introdução

O atentado contra as torres gêmeas no dia 11 de setembro de 2001 foi um choque para todo mundo que acompanhou ao vivo as duas torres altas no complexo do World Trade Center caírem deixando incontáveis vítimas, uma imensa nuvem de poeira no centro da ilha de Manhattan e uma sensação aterrorizadora em todo o globo. Essa foi uma imagem marcante para inaugurar o século com significativas consequências e incontáveis eventos antecedentes, e essa é a reflexão que iremos fazer neste texto.

Para essa análise utilizaremos da visão secular do historiador Eric Hobsbawm (1995, 2007), e pesquisadores que analisaram e ajudarão a entender o momento como Tariq Ali (2002) e Paulo Daniel Farah (2001) que nos fornecerão uma perspectiva maior para entendermos os acontecimentos no Oriente Médio antes do atentado, os sociólogos Octavio Ianni (2000) e Saly da Silva Wellausen (2002), o mestrado em história de Alexandre Arthur Cavalcanti Simioni (2008), e ainda a especialista em terrorismo Loretta Napoleoni (2016), entre outros.

Quando nos vemos envolvidos em uma visão de mundo maniqueísta, na qual um lado é o defensor exclusivo da bondade e o outro é o próprio mal, devemos parar e ponderar evitando assim julgamentos errôneos, pois para que haja conflito precisamos de dois lados e ambos merecem ser analisados. O atentado de 11 de setembro de 2001, por sua vez, não é um evento isolado nem tão inesperado quando se observa a situação política, social e ideológica de todos os agentes envolvidos no processo. Atentados como esse jamais podem ser justificados, porém analisar as motivações dos arquitetos e tentar sanar os problemas de uma forma adequada poderá evitar que mais inocentes sofram e eventos infelizes como esse volte a acontecer.

Para podermos realizar o proposto iniciaremos o texto com uma síntese de como foi o século XX, em seguida nos dedicaremos um pouco aos acontecimentos da segunda metade do século passado em seguida analisaremos o atentado de 2001 e por fim suas consequências que são vistas até os dias atuais.

O breve século XX

O século XX foi cenário para guerras mundiais (frias ou quentes), rebeliões, revoluções, ascensão e queda de movimentos e regimes autoritários, aliança improvável entre sistemas opostos, incertezas e crises; em sua maioria, esses momentos demonstram uma ascensão da barbárie mesmo que desigual em relação a sua intensidade e distribuição geográfica.

Conforme Hobsbawm (2007, p. 128),

A ascensão da barbárie tem sido contínua, mas não uniforme. Ela atingiu o nível máximo de desumanidade entre 1914 e o final da década de 1940, a era das duas guerras mundiais e de suas consequências revolucionárias, e a de Hitler e Stálin. A Guerra Fria trouxe uma clara melhoria no Primeiro e Segundo Mundo – os países capitalistas e a área soviética –, mas não no Terceiro Mundo. Isso não significa que a barbárie tenha na verdade diminuído.

De fato não significa que diminuiu, se levarmos em conta os vários casos de conflito que se desenvolveu, por exemplo, a Guerra do Vietnã, o confronto indireto entre as superpotências no Afeganistão e na Coreia e também o conflito no oriente médio entre o Irã e o Iraque, sem contar a onda de ditaduras que se espalhou nesse período, as quais eram carregadas de caráter repressor (HOBSBAWM, 1995).

Portanto temos como herança do século passado uma era de instabilidade internacional com um mundo reconfigurado política e geologicamente; que havia democratizado os meios de destruição provenientes da dedicação dos recursos dos países imersos nas guerras globais para seu setor bélico aliado a corrida armamentista que seguiu durante toda a Guerra Fria; uma desordem provocada pela nova configuração multipolar, que ganhou espaço depois do fim da União Soviética; e inúmeros registros de um período que o ser humano possa ter atingido o ápice da barbárie provocando guerras em uma escala jamais vista, além de por em evidência problemas de longo prazo como o demográfico e o ecológico.

A segunda metade do século XX

Depois das duas guerras mundiais e suas consequências o mundo mergulhou na chamada Guerra Fria (1945-1991), período que foi marcado pela disputa de poder, influência política, econômica e ideológica no restante do mundo entre as

duas superpotências da época que não estavam com os territórios devastados pelas guerras anteriores (Estados Unidos e União Soviética), polarizando o mundo. Após a extinção da União Soviética em 1991 foi declarado êxito dos Estados Unidos.

Esse aparente sucesso absoluto dos EUA, considerando que não havia oponente que pudesse ir contra a superpotência, gerou margem para alguns pensadores dizer que havíamos chegado ao “Fim da História”, argumentando que a vitória da democracia liberal marcava o fim da evolução ideológica da humanidade, mas essa ideia foi esquecida e Hobsbawm (1995, p. 14) nos explica que a “única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história”.

Como não houve um fim da história, teremos, então, um mundo em processo de globalização juntamente a expansão do capitalismo, “como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial”, conforme Ianni (2000, p. 207), que se espalha até lugares que eram inacessíveis anteriormente com o único objetivo de “desenvolvimento do capital em geral, transcendendo mercados e fronteiras, regimes políticos e projetos nacionais, regionalismos e geopolíticas, culturas e civilizações”, também de acordo com Ianni (2000, p. 212).

Com essa forte presença de um mercado que se auto regula e não é limitado por fronteiras vemos uma diminuição na atuação do Estado, que é bem clara segundo Hobsbawm (2007, p. 84) “existe, na verdade, uma crise geral do poder e da legitimidade do Estado, mesmo nos territórios de países europeus antigos e estáveis, como Espanha e o Reino Unido”. Porém podemos dizer que houve uma mudança de posição do Estado para uma espécie de assegurador de bem-estar social (ou pelo menos poderia ser), que não é provido pelo mercado.

Juntamente com o advento do mundo capitalista globalizado vemos surgir também uma ordem mundial multipolar, nascida da fragmentação da antiga ordem bipolar. Todo esse processo teve suas consequências e de acordo com Wellausen (2002, p. 86),

O fim da Guerra Fria reabriu lutas étnicas, em que questões regionais e locais substituíram blocos mundiais na relação entre países. Do enclave armênio, da Ásia Central aos países bálticos, do Kosovo iugoslavo à Transilvânia romena, da Moldávia à Bulgária surgiram tipos de reivindicações etno-regionais, evidenciando, cada uma à sua maneira identidades coletivas em busca de sua autonomia. As mutações da sociedade civil caminharam lado a lado com as tentativas de reorganizar seu espaço geopolítico [...].

Portanto houve uma substituição do conflito do mundo polarizado para as reaberturas de antigos conflitos regionais e étnicos revelando identidades coletivas em busca de autonomia que é um sintoma do enfraquecimento do Estado, de acordo com Ianni citado por WELLAUSEN (2002, p. 86), “quando se debilitam os estados nacionais preexistentes, logo ocorre a ressurgência de nações e nacionalismos, religiões e línguas, territórios e geografias, histórias e tradições, identidades e fundamentalismos, etnicismos e racismos”.

Esse tópico dos crescentes conflitos pontuais, que acontece dentro de um país ou região e possui como agentes indivíduos pertencentes a grupos, religião ou nação cuja motivação é defender a identidade individual ou coletiva, também é abordado por Hobsbawm (2007, p. 79),

[...] desde o fim da Guerra Fria vivemos em uma era em que os conflitos armados, incontroláveis ou quase incontroláveis, tornaram-se endêmicos em grandes áreas da Ásia, da África, da Europa e em partes do Pacífico. Voltam a ocorrer massacres em nível de genocídio e expulsões em massa de populações (‘limpezas étnicas’) em escalas que já não víamos desde os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Analisando esse processo foi publicado um ensaio que defendia a ideia do “choque de civilizações”, ou seja, por mais que a derrota do comunismo finalizava todas as disputas ideológicas o mundo ainda seria dominado e dividido pela cultura. Porém, ao fazer essa análise estamos arbitrariamente determinando que não existam diferenças sociais e culturais entre povos pertencentes a uma mesma “civilização”, portanto estamos deliberadamente generalizando povos e ignorando peculiaridades que acabam sendo estopim de guerras entre eles mesmos. Como exemplo podemos usar o mundo do Islã, que não é monolítico há séculos e os mulçumanos senegaleses, árabes e sul asiáticos, por exemplo, possuem diferenças sociais e culturais muito distintas que podem provocar uma rejeição maior à um mulçumano de outra região do que a um estrangeiro. (ALI, 2002)

Um resumo geral da globalização de mercado, encabeçados pelos Estados Unidos e Europa, é muito bem apresentado por Ianni (2000, p. 222) quando diz que a “globalização rima com integração e homogeneização, da mesma forma que com diferenciação e fragmentação”, pois podemos dizer que a sociedade global está sendo tecida em ambivalência, como o desenvolvimento econômico desigual que permite poucos terem muito e muitos terem pouco.

Fragmentação

Se olharmos para esses grupos que enaltecemos após o fim da ideologia dualista que dividiu o mundo durante a Guerra Fria, vemos como tivemos uma quebra no paradigma que conhecíamos e por isso nos encontrávamos perdidos e sem identidade, pois podemos dizer que esses grupos representavam justamente uma identidade individual e coletiva que muitos buscaram e ainda buscam, de acordo com Wellausen (2002, p. 87),

A busca pela identidade é a afirmação de um modo de ser, mobilizando relações e elementos culturais, formas de agir, sentir e pensar alheios, com os quais se busca afirmar ou imaginar a identidade individual ou coletiva. Aqueles que estão fechados dentro de um grupo, religião ou nação, tendem a imaginar que sua própria maneira de viver, de pensar, de ver o mundo, tem validade absoluta e imutável.

Trabalhando a ideia de pertencimento e identidade, presenciamos o aparecer do fenômeno do antiamericanismo, pois esses agrupamentos se opõem a ideia de uma realidade que integra outras realidades que é trabalhada pela globalização (IANNI, 2000), que por sua vez tem como principal defensor os Estados Unidos, e vai contra a identidade individual e grupal que querem assegurar. Portanto vemos crescer e nascer grupos pequenos que começam a utilizar o “enorme suprimento de armas pequenas, mas muito potentes, e outros instrumentos de destruição para usos não-governamentais, que podem ser facilmente adquiridos com recursos financeiros disponíveis no [...] setor paralegal da economia capitalista global”, (HOBSBAWM, 2007, p. 87), que são heranças das guerras e da corrida armamentista, para defender os seus, assim criando grupos terroristas armados que rapidamente se adaptaram ao ambiente globalizado e a partir de então apenas se desenvolveram. Conforme resume Wellausen (2002, p. 87),

As relações de poder que se bipolarizaram, depois dos anos 90, disseminaram-se no interior do planeta, com o aparecimento de novos focos de poder. Minorias esmagadas e massacradas pelos Estados ocupam um novo espaço, dando lugar à emergência de novas estratégias expressivas de velhas relações de poder. A história oferece um campo de possibilidades para a emergência dos que não detém o poder, mas que podem irromper no seio da sociedade e se fazerem ouvir o deslocamento de velhas relações de poder se encaminha para uma nova maneira de resolver antigas tensões. Nesse novo espaço, o terrorismo vai mostrar sua fisionomia, como uma forma surpreendente de utilizar a violência.

Terrorismo no início do século XXI

Por definição histórica do dicionário Houaiss, terror designa o “período da Revolução Francesa entre 31 de maio de 1793 (queda dos girondinos) e 27 de julho de 1794 (queda de Robespierre)” e tem como definição para o substantivo “característica do que é terrível”, “estado de pavor”, “quem ou o que aterroriza”. Por sua vez, terrorismo significa “modo de impor a vontade pelo uso sistemático do terror”, “emprego sistemático da violência para fins políticos, esp. a prática de atentados e destruições por grupos cujo objetivo é a desorganização da sociedade existente e a tomada do poder”, “ameaça do uso da violência a fim de intimidar uma população ou governo, ger. motivada por razões ideológicas ou políticas”, “regime de violência instituído por um governo”. (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 1.835).

Embora a palavra terror possa ter entrado em uso apenas com a Revolução Francesa, o terrorismo sempre esteve presente na história humana de alguma forma, mas as circunstâncias do começo do século certamente tornou o terrorismo contemporâneo um assunto de segurança internacional com grande destaque até os dias de hoje. Chegando também a essa conclusão Simioni (2008, p. 21-2) discorre,

O terrorismo neste início de século surge como um dos fenômenos políticos de maior impacto na segurança internacional. Porém, a história do terrorismo é tão antiga quanto a da humanidade, já que a ameaça, a violência física e psicológica sempre foram empregadas, tanto por governos, como forma de dominação, manutenção do poder ou método disciplinador da população, quanto por pessoas ou grupos que, em nome de uma ideologia, causa ou religião, empregavam as táticas e técnicas do terrorismo com o propósito de enfraquecer e desestabilizar as autoridades e os regimes constituídos.

Segundo Seixas (2008, p. 22) há uma “impossibilidade da neutralidade científica e de uma definição consensual do terrorismo”, portanto não temos um consenso na definição do terrorismo entre os cientistas sociais. Contudo WELLAUSEN (2002, p. 89) citando Norberto Bobbio define que,

[...] o terrorismo, como recurso comum à violência, distingue situações diversas, conforme seu peso político. Tanto pode ser um instrumento de governo para se manter no poder, quanto instrumento de libertação nacional em nações dominadas; de uma forma ou de outra, o terrorismo é sempre a quebra da ordem imposta pelo poder dominante.

Seguindo essa análise, podemos dizer que o terrorismo do pós Guerra Fria é iniciado por alguns desses grupos que se reuniram em torno de uma identidade e

para defendê-la eles buscam agora combater o poder vigente utilizando extrema violência, terror, vasta quantidade de poder bélico com relativo fácil acesso e, como não podemos ignorar o mundo globalizado que vivemos, novas estratégias, conforme Wellausen (2002, p. 90) “como é estrategicamente inferior, o terrorismo precisa combater o poder maior através do ataque pontual, pela surpresa e pelo inesperado”.

Portanto essas novas estratégias envolvem uma tomada de consciência por parte de grupos terroristas de que não conseguirão atingir diretamente o seu alvo inicial e, conseqüentemente, fazem uma mudança de alvo do poder central para uma parte da sociedade, que quando atingida conseguirá alcançar o todo através do medo e do terror que será espalhado por aquela amostra do que são capazes. Para que sejam espalhadas essas amostras de suas ações eles contam com a visibilidade que a mídia e em outros meios de comunicação os proverá. Também segundo o pesquisador Wellausen (2002, p. 96),

Estratégias e táticas de poder estão desvinculadas no ato terrorista. Enquanto a ação terrorista escolhe, aleatoriamente, um foco qualquer da sociedade para praticar o atentado, o discurso terrorista se endereça ao poder maior a que se opõe e isto é suficiente para mostrar a face oculta do terrorismo. A disseminação da ação terrorista implanta terror, pela estratégia do inesperado, que busca o alvo no lugar diferente daquele em que se encontra seu destinatário. A eficácia se impõe pela brutalidade da ação inesperada.

Essas novas ações que levam os terroristas a praticar assassinatos em massa de homens e mulheres em lugares públicos porque sabem que estamos em um mundo no qual jornalistas e leitores estão viciados em acontecimentos chocantes se tornam mais um exemplo do processo de barbarização.

Os atentados aos EUA

Na manhã de 11 de setembro de 2001 por volta das 10 horas da manhã os nova-iorquinos se deparam com a torre norte do World Trade Center, sendo atingida por um Boeing e começando a pegar fogo. Com menos de meia hora depois, tempo suficiente para que o mundo pudesse se reunir a frente da televisão e presenciar ao vivo como se fosse espetáculo, uma segunda aeronave se choca contra a torre sul do complexo. Um terceiro Boeing ataca o Pentágono e um quarto é noticiado que

caiu próximo a Pittsburgh pela companhia norte americana de aviação, a United Airlines, que poderia ter como alvo Camp David¹ ou até a Casa Branca.

Essas informações estão todas bem detalhadas nas mais de 30 páginas da edição especial sobre o ataque terrorista aos Estados Unidos que o jornal Folha de S. Paulo realizou no dia seguinte ao atentado, dia 12 de setembro de 2001. A capa dessa edição é exclusiva para o atentado assim como as capas do dia seguinte de vários jornais no mundo todo, por exemplo, New York Times (EUA), Washington Post (EUA), The Australian, The Times (Londres), Financial Review (EUA), Asahi Shimbun (Tóquio, Japão), Maariv (Tel Aviv, Israel), An-Nahar (Beirute, Líbano), O Estado de S. Paulo (Brasil)².

O World Trade Center era na época o símbolo do capitalismo global, o centro financeiro do mundo, já o pentágono era e ainda é a sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Os ataques a esses edifícios e toda a visibilidade que foi proporcionada ao atentado exemplificam exatamente o que foi falado sobre as novas estratégias que os grupos terroristas estão dispostos a realizar. Muitos inocentes morreram para que uma mensagem de ódio fosse passada ao poder vigente e uma onda de terror varresse o globo juntamente com as notícias dos feitos desses terroristas.

O arquiteto com a autoria desse atentado é Osama bin Laden, membro saudita da próspera família bin Laden e fundador e líder do grupo Al-Qaeda, sua ideia de justificativa é inserida dentro do conceito de jihad (uma interpretação original de grupos fundamentalistas para a ideia de guerra santa que faz parte da religião islâmica), ou seja, eles alegam que estão lutando contra um “grande satã” que quer deturpar seus conceitos sagrados e milenares. O ataque foi muito bem planejado e com 19 terroristas para sequestrar aviões comerciais com tanque cheio e cumprir seus propósitos, que no final custaria a própria vida deles, de toda a tripulação das aeronaves e traria grande risco para todos trabalhadores dos prédios atingidos e regiões próximas à queda.

Podemos trabalhar com o misticismo de carma, o cientificismo com as leis de Newton ou um simples e velho ser humano orgulhoso, seja como for sabemos que

¹ Local do acordo de 1978 entre Israel e Egito orquestrado pelos Estados Unidos sobre as terras ocupadas pelos israelenses na Palestina. O acordo gerou discordâncias no mundo árabe.

² Grupo Estado. Internacional, c2019. 11 DE SETEMBRO, DEZ ANOS: As capas do dia seguinte. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/11-de-setembro-dez-anos-as-capas-do-dia-seguinte/>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

ABC. ABC: News, c2019. September 11: Newspaper front pages from the following day. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2011-09-05/september-11-newspaper-front-pages/2870784>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

nessa história haverá reação para cada ação tomada. Isso quer dizer que haverá reação por parte da potência após o atentado, que mostrou uma vulnerabilidade que poucos acreditavam existir, e isso por sua vez terá consequências próprias, assim como o atentado poderia ser encaixado no quadro de consequências de uma política negligente e arbitrária que os Estados Unidos promoveram como potência hegemônica, principalmente no Oriente Médio. O que explicaria os atentados serem arquitetados por antigos parceiros de guerra dos americanos, durante a campanha do último contra os soviéticos, que já naquela época agiam com um fervor religioso até então benéfico para os Estados Unidos, como explica Farah (2001, p. 75) “o governo norte-americano acreditava que o fervor religioso, quando manipulado por seus aliados, podia ser um eficaz parceiro na Guerra Fria”.

Dessarte algo que deve permanecer em nossa mente nesse ciclo de barbarização é que os atores envolvidos no espetáculo realmente acreditam que estão agindo da forma correta pra eles, conforme Hobsbawm (2007, p. 127),

Existe, no entanto, um fator mais perigoso na geração da violência sem limites. É a convicção ideológica, que desde 1914 domina tanto os conflitos internos quanto os conflitos internacionais, de que a causa que se defende é tão justa, e a do adversário é tão terrível, que todos os meios para conquistar a vitória e evitar a derrota não só são válidos como necessários. Isso significa que tanto os Estados quanto os insurgentes sentem ter uma justificativa moral para o barbarismo.

Afeganistão

Localizado no centro da Ásia o Afeganistão ocupa uma posição geográfica importante que liga o Oriente Médio com a Ásia Central e o subcontinente indiano, devido a isso, vários reinos cobiçaram a conquista desse território ao longo dos séculos e não foi diferente durante a Guerra Fria.

Os Estados Unidos e a União Soviética inicialmente disputaram suas influências no país por meios de aconselhamentos, seja para o governo seja para grupos reacionários, o que gerou uma guerra civil. Em 1979 o país foi invadido e ocupado pela União Soviética, que temia perder sua influência, transformando a guerra civil entre grupos guerrilheiros e governo em “um jihad que permitiu aos ‘mujahidin’ aparecerem como únicos defensores da soberania afegã contra o exército estrangeiro de ocupação” (ALI, 2002, p. 290), efetivamente expulsando os soviéticos em 1989.

Não é mistério que os Estados Unidos apoiaram os reacionários do talibã (movimento fundamentalista islâmico nacionalista que se difundiu no Paquistão e, sobretudo, no Afeganistão, chegando a controlar o último), ou seja, financiaram, armaram e ofereceram treinamento para grupos como a Al-Qaeda expulsar do território afegão os soviéticos para assim manter a área sob seu controle, como esclarece Ali (2002, p. 290),

O papel de Washington na guerra afegã nunca foi segredo, mas poucos cidadãos no Ocidente tinham consciência de que os Estados Unidos usavam os serviços de informações do Egito, da Arábia Saudita e do Paquistão para criar, treinar, financiar e armar uma rede internacional de militantes islâmicos para lutar contra os russos no Afeganistão.

Portanto o talibã não poderia ter varrido o Afeganistão e controlado o governo do país sem o apoio militar e financeiro sustentado indiretamente por Washington, e após a saída das tropas soviéticas os talibãs se encontraram como órfãos da guerra contra a Rússia infiel e se voltaram para aqueles que agora representavam maiores ameaças para o que o grupo defende (ALI, 2002). Em 2001 o talibã ainda mantinha controle do território afegão e foram eles que deram abrigo, impediram e retardaram a captura de Osama bin Laden pelos Estados Unidos naquele momento, o que só aconteceria com dez anos de atraso, em 2011 no esconderijo no Paquistão.

A Al-Qaeda de Osama bin Laden se encontrava, então, no solo fértil à criação de um grupo fundamentalista islâmico, no seio de um país desestabilizado por governos externos, e a constituição do grupo é por células colaborativas e independentes que visam disputar o poder geopolítico no Oriente Médio nos respectivos lugares. Como já mencionado, inicialmente a organização tem o objetivo de expulsar as tropas da União Soviética do Afeganistão com suporte, direto e indireto, dos Estados Unidos ao grupo fundamentalista o qual foi bem sucedido. No entanto, eventos nos anos decorrente a retirada das tropas soviéticas do território afegão como a Guerra do Golfo (1990-1991)³ e a instalação de bases militares estadunidenses na península arábica, que era uma demonstração de uma permanência de tropas estrangeiras e da crescente influência externa direta nos territórios sede dos principais santuários do Islã, bin Laden iniciou uma campanha contra os Estados Unidos que resultou no atentado ao World Trade Center e ao

³ A Guerra do Golfo (1990-1991) foi um conflito militar entre forças internacionais, liderada pelos Estados Unidos, conta o Iraque por consequência da invasão do Kuwait pelo exército iraquiano.

Pentágono em 2001 visando atingir os símbolos financeiros e militares americanos e, conseqüentemente, o seu poder de impor-se perante o planeta.

Guerra ao Terror

A razão estadunidense ao atentado deu-se por meio da invasão do Afeganistão ainda em 2001 autorizada pelo então presidente George W. Bush. Em outubro, um mês após os atentados, os Estados Unidos comandaram uma ação militar contra o Afeganistão com os objetivos de capturar Osama bin Laden e derrubar o regime do talibã. Essa investida faria parte de medidas antiterroristas instauradas pelo governo norte-americano, como a “Guerra ao Terror” e uma longa campanha sustentada pela retórica maniqueísta do governo norte americano, na qual o mal estava encarnado no terrorismo fundamentalista (DUTRA, 2015).

A estratégia do governo Bush de uma campanha militar expansiva, imperialista e ofensiva declarada para combater o terrorismo mundial fizeram a máquina militar norte-americana apontar suas armas para um inimigo desconhecido e difuso que resultará apenas no aumento do ódio contra eles (COSTA e WUNDER, 2011). No ano de 2003 essa campanha militar incluiu a invasão do Iraque sob a alegação por parte dos Estados Unidos de que Saddam Hussein, líder iraquiano, possuía armas de destruição em massa e tinha ligações com a Al-Qaeda. A invasão acabou resultando na captura de Hussein e na desestabilização do poder local com um conseqüente aumento na guerra civil que permitiu proliferar grupos terroristas no país e dentre esses estava o Estado Islâmico no Iraque, um braço devidamente reconhecido da Al-Qaeda, que como todos os outros na região apenas se multiplicaram substancialmente desde 11 de setembro. Seguindo a análise da especialista em terrorismo Napoleoni (2016, p. 28-9),

Ressurgindo, portanto, das cinzas da Guerra contra o Terrorismo, num ambiente de conflitos por procuração na era do pós-Guerra Fria, o Estado Islâmico renasceu não sob vestimenta material de uma organização praticante de um novo tipo de terrorismo, mas na forma de uma mutação de sua antiga Constituição. Seu sucesso resulta da convergência de vários fatores, entre os quais figuram um mundo globalizado e multipolar, o domínio no emprego de tecnologias modernas, uma tentativa pragmática de criação de uma nova nação, uma profunda compreensão da psicologia dos povos do Oriente Médio e dos emigrantes muçulmanos e o perdurante fantasma da resposta do Ocidente aos atentados de 11 de setembro.

Por conseguinte, essa “Guerra ao Terror” resultou em uma catástrofe se considerarmos o aumento na quantidade e na qualidade nos grupos terroristas de fundamentalistas islâmicos ao redor do globo, pois toda essa campanha militar e a contínua negligência para com os problemas do Oriente Médio alimentou o ressentimento intenso contra os Estados Unidos, fornecendo mais recrutas para grupos extremistas islâmicos e não está gerando resultados significativos condizentes com o objetivo inicial da campanha.

Considerações Finais

O atentado de 11 de setembro de 2001 é o exemplo de que o século acabou em uma desordem global, que a barbárie que se presenciou nele não diminuiu e infelizmente não estamos nem próximo de uma solução. Sobre o terrorismo Wellausen (2002, p. 104-5) analisa,

O terrorismo é fruto de novas relações de poder no mundo atual, do confronto entre poderes dominantes (imperiais) contra dominados. É do interior desse campo de lutas que brotam os gritos de guerra, as palavras-de-ordem, as estratégias de combate que surpreenderão o mundo! Pelo ineditismo de suas ações, é difícil erradicar o terrorismo, também porque ele habita o interior da própria sociedade.

Portanto dada a natureza desse inimigo declarado dos americanos é também válido analisar a extensão da operação que eles estão realizando desde 2001 até os dias atuais, que agora engloba 80 países e soma mais de U\$5 trilhões dos contribuintes gastos com os custos das guerras e os veteranos delas, segundo uma pesquisa desenvolvida ano passado pela pesquisadora Savell,

Quando eu comecei a mapear todos os lugares no mundo onde os EUA ainda estão lutando contra o terrorismo, tantos anos depois, não achei que seria tão difícil assim fazê-lo. Isso foi antes do incidente em 2017 no Níger, no qual quatro soldados dos EUA foram mortos em uma missão de contraterrorismo e os norte-americanos puderam suspeitar do quão longe esta ‘guerra’ pode realmente chegar. Imaginei um mapa que iria destacar o Afeganistão, Iraque, Paquistão e Síria – os lugares que muitos norte-americanos automaticamente pensam estar associados com a guerra ao terror – bem como talvez uma dúzia de países menos notáveis, como Filipinas e Somália. Eu não tinha ideia de que estava embarcando em uma odisseia de pesquisa que iria, em sua segunda atualização anual, mapear as missões de contraterrorismo dos EUA em 80 países em 2017 e 2018, ou 40% das nações neste planeta (um mapa primeiramente publicado na revista Smithsonian). (SAVELL, 2019)

Recentemente, devido a essas tropas americanas ainda em plena atividade, o líder fugitivo do grupo Estado Islâmico no Iraque desde 2010, Abu Bakr al-Baghdadi, foi morto em uma operação militar no noroeste da Síria no dia 27/10/2019, noticiou o jornal BBC. Al-Baghdadi é definido por Napoleoni (2016) como o “profeta moderno” e foi o líder responsável pela junção da Al-Qaeda na Síria ao seu grupo, conquistando assim o feito de um grupo armado conseguir redesenhar o mapa do Oriente Médio criando um Califado Islâmico, para desespero do Ocidente.

Os grupos terroristas também continuam ativos e o último atentado com significativa repercussão na mídia foi em 2015, quando realizaram um atentado na sede da revista semanária satírica Charlie Hebdo em Paris, deixando 12 vítimas, a motivação do atentado seria caricaturas do profeta Maomé publicadas pelo semanário e a maioria dos muçulmanos diz que representações gráficas do fundador do islã são proibidas. A autoria do atentado foi reivindicada pelo braço iemenita da Al-Qaeda, através de vídeo, segundo notícia da época do atentado dos jornais El País e G1.

A saída para a barbarização e o interminável jogo de causa e efeito se mostrou inviável através de uma política armada e extrema repressão em ambos os lados, mas talvez poderia ser possível através de educação, conhecimento e compreensão do instável ambiente político que vivemos, além de respeito mútuo e empenho por parte de todos para amenizar os efeitos negativos causados pelo caráter de ambivalência da globalização.

REFERÊNCIAS

ALI, Tariq. **Confronto de fundamentalismos**: cruzadas, jihads e modernidade; tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ATAQUE em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos. **G1**. 07/01/2015. Mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em: 23/11/2019.

CONDE, Leandro Carlos Dias. Revisitando a “Guerra ao Terror”: terrorismo e política externa norte-americana no pós-Guerra Fria. **Conjuntura Global**, Vol. 4, n. 1, pp. 70-83, jan./abr., 2015.

COSTA, Frederico Carlos de Sá; WUNDER, Rodrigo Setubal. Guerra ao terror: Aspectos ideológicos do contraterrorismo. **Aurora**, Marília, ano V, número 7, pp. 20-33, jan. 2011.

DUTRA, Walkiria Zambrzycki. “Guerra ao Terror”: A (des)construção de uma resposta estratégica de combate ao terrorismo. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 148-170, dezembro 2015. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.

FARAH, Paulo Daniel. **O Islã**. São Paulo: Publifolha, 2001. – (Folha explica).

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GARRIDO, Óscar Gutiérrez. Braço iemenita da Al-Qaeda assume ataque contra o ‘Charlie Hebdo’. **El País**. 14/01/2015. Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/14/internacional/1421231136_665711.html. Acesso em: 22/11/2019.

GRINBERG, Keila. O mundo árabe e as guerras árabe-israelenses. IN: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C., org. **O século XX, o tempo das dúvidas**: do declínio das utopias às globalizações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GUERRA na américa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.460, p. A1-A31, 12 setembro 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**; tradução José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, 1997.

IANNI, Octavio. Globalização e a nova ordem internacional IN: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C., org. **O século XX, o tempo das dúvidas**: do declínio das utopias às globalizações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NAPOLEONI, Loretta. **A fênix islamita**: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio; tradução Milton Chaves de Almeida. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

QUEM era Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico morto por forças americanas. **BBC**. 27/10/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50200967>. Acesso em: 22/11/2019.

SAVELL, Stephanie. “Guerra ao Terror” e Império em desarranjo. **Outras palavras**. São Paulo. 21/02/2019. Geopolítica e Guerra. Disponível em:

<<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/guerra-ao-terror-retrato-do-imperio-em-desarranjo/>>. Acesso em: 20/11/2019.

SEIXAS, Eunice Castro. “Terrorismos”: Uma exploração conceitual. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 16, número suplementar, pp. 9-26, ago. 2008.

SIMIONI, Alexandre Arthur Cavalcanti. **O terrorismo contemporâneo: consequências para a Segurança e Defesa do Brasil**. Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva. 2008. 263 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WELLAUSEN, Saly da Silva. Terrorismo e os atentados de 11 de setembro. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(2): 83- 112, outubro de 2002.

YÁRNOZ, Carlos. Ataque a sede de semanário francês em Paris mata ao menos 12 a tiros. **El País**. 08/01/2015. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/07/internacional/1420629274_264304.html>. Acesso em: 22/11/2019.